

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

# Giros à direita

Análises e perspectivas  
sobre o campo  
libero-conservador





Fabiano Godinho Faria é graduado e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona como professor efetivo no Instituto Federal do Rio de Janeiro.



Mauro Luiz Barbosa Marques é historiador. Doutor pela UNISINOS (RS) e professor no Instituto Federal de Pernambuco. Dedicar-se à pesquisa em temas como mundo do trabalho e história dos pensamentos políticos.

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

# Giros à direita

Análises e perspectivas  
sobre o campo  
libero-conservador



Sobral  
2020

**SER  
TÃO  
CULT**

**Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador**

© 2020 copyright by Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

#### **Coordenação do Conselho Editorial**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

#### **Conselho Editorial**

Antonio Jerfson Lins de Freitas  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Cícero João da Costa Filho  
Francisco Dênis Melo  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Juliana Magalhaes Linhares  
Maria Aparecida de Sousa  
Raimundo Alves de Araújo  
Raul Max Lucas da Costa  
Regina Celi Fonseca Raick  
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros  
Valeria Aparecida Alves  
Viviane de Souza Lima  
Telma Bessa Sales

#### **Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antonio Machado

#### **Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

#### **Ilustrações**

Mateus de Paula Pimentel Ferreira

#### **Catálogo**

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

G527 Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador./ Fabiano Godinho Faria, Mauro Luiz Barbosa Marques, (Organizadores). - Sobral- CE: Sertão Cult, 2020.

254p.

Número ISBN: 978-65-87429-04-5 - papel  
Número ISBN: 978-65-87429-05-2 - E-book-pdf  
Doi: 10.35260/87429052-2020

1. Política. 2. Liberalismo. 3. Conservadorismo. 4. Progressivismo. I. Título. II. Faria, Fabiano Godinho. III. Marques, Mauro Luiz Barbosa.

CDD 324.281

*Agradecemos o apoio das seguintes entidades sindicais  
de servidores dos Institutos Federais de  
Educação, Ciência e Tecnologia:*





# Sumário

Apresentação / 9

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro / 13  
**Michael Löwy**

Neoliberalismo e (neo)autoritarismo: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do cone sul da América Latina / 20  
**Hernán Ramírez**

Ultraliberalismo autoritário e o aprofundamento da dependência: o governo de extrema direita no Brasil no contexto da crise latino-americana / 46  
**David Moreno Montenegro**

A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas / 71  
**Rejane Carolina Hoeveler**

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook / 90  
**Celina Lerner**

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária e o delírio anticomunista da família Bolsonaro / 122  
**Fabiano Godinho Faria**

Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro / 159  
**Michelangelo Torres**

A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S) / 174  
**Felipe Cazetta**

Armas, literatura ‘panfletária’ e antissemitismo: a postura conservadora de Gustavo Barroso no Brasil dos anos 1930 / 193

***Cícero João da Costa Filho***

Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea / 222

***Fábio Gentile***

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead / 241

***Mauro Luiz Barbosa Marques***

# Apresentação

Parece evidente um crescimento expressivo de correntes denominadas como “extrema direita”, entre outros termos, que chegaram ao poder em várias partes do mundo, desde a América, com EUA, Brasil e Colômbia, passando pela Europa, de Hungria e Polônia, chegando à Ásia, de Israel, Turquia e Índia, entre tantos outros Estados Nacionais. Especialmente após a crise econômica global de 2008, saídas por este viés socioeconômico tiveram seu grau de influência ampliado imensamente.

Tal fenômeno não demonstra ser efêmero, apesar de importantes dificuldades onde é aplicado na gestão estatal. Ainda que não reste clara a duração desse processo, ele merece toda atenção e problematização necessárias, pois traz às disputas políticas globais novos elementos nem sempre compreendidos, especialmente pela massa crítica progressista. Estes alinhamentos vinculados à direita extrema, via de regra, combinam de forma contraditória e complementar aspectos conservadores e ultraliberais, regados a práticas autoritárias de cunho neofascista. Em comum, tendem a rejeitar ou reagir a qualquer risco que coloque em xeque a ordem instituída, apesar de uma aparência difusa antissistêmica. Este avanço das direitas extremas pode ser um desdobramento do fracasso do neoliberalismo tradicional em promover a elevação geral do nível de vida pela instalação de uma sociedade de competição perfeita. Como os resultados foram o oposto, apostam numa guinada de ódio em que culpabilizam os setores política e socialmente mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, alternativas políticas ao modelo neoliberal tiveram inúmeras dificuldades e limites nas práticas políticas efetivas.

Desde suas origens, os conservadores são umbilicalmente ligados à defesa da tradição, da hierarquia e temem o “novo”. Historicamente ligam-se a uma ideia de alternativa global à modernidade, ao pensamento progressista e especialmente revolucionário, que reduziu o poder do chamado *Antigo Regime* europeu. Correntes liberais contribuíram em muito para tal virada histórica difundindo ideias sobre a possibilidade do indivíduo autônomo aperfeiçoar sua vida a partir de transforma-

ções baseadas na iniciativa, no progresso e na racionalidade. Curiosamente, liberais e conservadores se aproximaram em muitos sentidos, especialmente a partir da metade do século XIX. Mergulhar em tal problemática, também debatida aqui nesta obra, tem sua centralidade para entender tal processo político contemporâneo. Apenas o pragmatismo político explica tal aproximação?

Os elementos contemporâneos após 2008 carregam um cenário marcado pela decadência econômica e a busca da retomada da taxa de lucros do capital, a constante migração massiva em diversos pontos do planeta, especialmente no sentido “sul-norte”, o desemprego e precarizações extremas da força de trabalho. A falta de respostas de governos de diversas matizes distintas da extrema direita, entre outros fatores, se somam num caldeirão que permite a nova germinação de valores se não esquecidos, bastante minoritários no pós 2ª Guerra Mundial. Assim, neste momento em que o pêndulo político global se movimenta à direita, organizamos esta publicação e convidamos à sua leitura. É pretendido aqui discorrer sobre características, origens, concepções e práticas das “direitas”, em suas diversas matizes, priorizando a compreensão deste problema na contemporaneidade, mas debruçado na longa duração para a devida e aprofundada análise do tema.

Para tal objetivo, onze autores com seus respectivos artigos estão aqui elencados. **Michael Löwy** abre a série de capítulos desta obra discorrendo sobre a amplitude planetária da ação da direita extrema, dialogando com conceitos como fascismo, populismo e neofascismo, colocados à luz da prática política destes partidos e governos espalhados por inúmeros países. Ainda na perspectiva transnacional, fundamental ao tema, **Hernán Ramírez** traz a origem do neoliberalismo, especialmente no Cone Sul americano, e o relaciona com as engrenagens de sistemas autoritários praticados nos Estados da região e chega, temporalmente, a debater tal relação no tempo presente.

**David M. Montenegro** analisa a ascensão do governo Bolsonaro dialogando com o conceito de fascismo dependente pensado na longa duração, tendo como partida os regimes civis militares surgidos da década de 1960 em diante no espaço latino-americano e superando as variadas experiências de esquerda que assumiram o poder a partir do final do século passado. Na perspectiva do tempo presente, **Rejane C. Hoeverler** traz em seu capítulo um estudo sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões no último período, especialmente com a eleição de Jair Bolsonaro.

O capítulo escrito por **Celina Lerner** utiliza grafos que demonstram as relações entre mais de nove mil grupos no Facebook que formaram a rede libero-con-

servadora atuante nos últimos anos no Brasil. Uma impressionante radiografia deste instrumento utilizado pelos setores de direita com grande competência e ousadia neste período recente. Por sua vez, **Fabiano Godinho Faria** resgata a Doutrina da Guerra Revolucionária, uma espécie de “teoria da conspiração” importada do exército francês no final da década de 1950, que se tornou a alma da conspiração que derrubou João Goulart. No governo de Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, essa mesma doutrina está sendo novamente resgatada das cinzas para justificar o renovado combate à ameaça do comunismo.

Navegando de forma comparativa entre os primeiros períodos republicanos de Brasil e Portugal, **Felipe Cazetta** retrata o embate do integralismo lusitano e brasileiro contra o liberalismo, as correntes socialistas bem como às formas democráticas, mesmo mínimas, de organização societal. No mesmo período histórico, **Cícero João da Costa Filho** analisa a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, com destaque ao antissemitismo como elemento fundamental do projeto integralista do qual este intelectual nordestino ocupava a função de chefe da milícia. Nestes dois artigos, o integralismo é desnudado como importante corrente conservadora do início do século passado.

**Fabio Gentile** pensa em seu artigo configurações ideológicas e as organizações políticas da direita brasileira contemporânea. Traz e analisa a categoria de direita “plural”, destacando a tensão liberalismo-autoritarismo, algo presente na história do Brasil. Assim, o fenômeno da direita brasileira é pensado pelo autor numa perspectiva histórica e vinculado às tradições doutrinárias de longa duração. Por seu turno, **Mauro Luiz B. Marques** apresenta uma análise contextualizada da série distópica de imenso sucesso “O Conto da Aia”. Indo bem além do conteúdo da série em si, o autor relaciona a proposta ficcional distópica da autora com o cenário estadunidense, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como desnuda aspectos centrais da doutrina ultra-liberal e ultraconservadora daquele país.

**Michelangelo Torres** aborda uma análise crítica dos primeiros 18 meses da política educacional do governo de extrema direita no Brasil. O andamento da análise recai sobre as continuidades e discontinuidades da política educacional no governo Bolsonaro em relação a governos que o precederam. A hipótese é que há, por um lado, o intuito de uma consolidação ideológica de base conservadora que pretende impor, por viés autoritário, uma nova face à educação no País com requinte de perversidade e obscurantismo (apoiado no conservadorismo e em um grupo fundamentalista de extrema direita), no intuito de ceifar qualquer perspectiva de autonomia ou pensamento crítico.

Tais textos analisam as práticas políticas libero-conservadoras-autoritárias planetárias, com destaque ao cenário nacional. Esta coletividade de autores espera contribuir para o pensamento crítico, libertário e de resistência a um mundo em disputa e que, perigosamente, pode voltar a beirar o obscurantismo societal.

### **Os organizadores**

*Fabiano G. Faria & Mauro Luiz B. Marques*

# A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas



Rejane Carolina Hoeveler<sup>1</sup>

“O triunfo de Jair Bolsonaro é o resgate do Brasil à civilização ocidental e à liberdade”. Assim se referiu, ovacionada, a senadora colombiana Maria Fernanda Cabal Molina à vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 no Brasil. Essa declaração fez parte do discurso que a empresária, filiada ao Centro Democrático (partido de Álvaro Uribe), ofereceu à Cúpula Conservadora das Américas, evento organizado como forma de anúncio do nascimento de uma “nova ordem política” na América Latina - “Conservadora nos costumes, liberal na economia”.

Realizada na cidade de Foz do Iguaçu no dia 08 de dezembro de 2019, contou com cerca de 800 participantes, empresários, políticos, militares e “ativistas” de vários países da América Latina; muitos deles deputados recém-eleitos no Brasil pelo PSL (Partido Social Liberal). O mesmo slogan seria utilizado para apresentar o *Foro por la Democracia*, ocorrido em março de 2019 em Santiago do Chile, e também se fez presente na Conferência da Ação Política Conservadora (CPAC) em outubro de 2019, em São Paulo (aqui com muito mais ênfase no lado “conservador” da “nova ordem”).

Neste artigo, pretendemos analisar de que se constituíram alguns dos principais fóruns de reunião, organização, formação e propaganda da extrema direita na América Latina, no contexto da ascensão do bolsonarismo, compreendendo o período entre a vitória de Jair Bolsonaro no pleito eleitoral brasileiro de outubro de 2018 e o término do primeiro ano de seu governo. Após uma análise da constituição ideológica e de métodos de ação do bolsonarismo, bem como de seus modelos latino-americanos, procuramos elencar os elementos centrais que marcaram

1 Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista CNPq; co-organizadora do livro *A onda conservadora – ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil* (Rio de Janeiro, Mauad, 2017). Professora da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ).

a Cúpula Conservadora das Américas, o *Foro por la Democracia* e a *Conservative Political Action Conference* (CPAC), ambos ocorridos nesse período. Buscamos identificar as linhas de ação e principais semelhanças e diferenças entre as forças políticas aí presentes. Ao final, tecemos algumas considerações sobre o curso dessa história do tempo presente latino-americana.

## A ascensão bolsonarista

O bolsonarismo, em poucas palavras, é um movimento de extrema direita com dois pilares fundamentais: uma plataforma ultraliberal na economia e uma agenda ultraconservadora no plano da cultura, da política e dos costumes. O Brasil de Bolsonaro embarca na maré autoritária mundial, que conta com variadas espécies: do trumpismo nos Estados Unidos ao salvinismo na Itália, passando pela ascensão de Viktor Orbán na Hungria, Recep Erdogan na Turquia, Rodrigo Duterte nas Filipinas e Boris Johnson na Inglaterra.

Porém, em países com instituições democráticas mais recentes e mais frágeis, como o Brasil, o problema se torna muito mais grave. No caso de Bolsonaro, a posição omissa das instituições liberais, da maior parte da mídia e o consentimento do grande empresariado permitiram a normalização do discurso de ódio e a legitimação de seu modo de fazer política. Em suma, o antifascismo foi proibido, e a defesa de posições fascistas foi aceita como uma posição política legítima.

E certamente, pelo menos desde a última ditadura militar (1964-1988), não existia no Itamaraty uma política externa pautada por tão ferrenho anticomunismo e abertamente disposta a intervir nos cenários políticos de outros países, tanto por meio do Estado como por meios privados - com base em uma ideologia supostamente “a-ideológica”. O peso econômico, territorial, demográfico e geoestratégico do Brasil torna a política interna brasileira potente de efeitos em toda a região. E a articulação hemisférica da extrema direita, que já existia, passa a ter um governo com este peso como ponto de apoio.

Fazendo uma breve digressão para o Brasil dos anos 1960, a conexão transnacional foi de fundamental importância para a atuação de diversos dos grupos que procuravam desestabilizar o governo Jango (1961-1964), principalmente o grupo reunido em torno do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), “estado-maior” de uma espécie de “partido do grande capital” no Brasil. O complexo liderado pelo IPES, como demonstrou René Dreifuss, contava com a atuação de diversas outras entidades, apresentadas como autônomas, que procuraram construir bases na sociedade civil, na classe média, no movimento operário, nas associações profissionais e de bairro, e até no movimento estudantil (DREIFUSS, 1984). Também vale lembrar que houve participação brasileira, por meios privados, na campanha de desestabilização do governo de Salvador Allende, no Chile

do início dos anos 1970, quando, por exemplo, militantes da MAC (Movimento Anti-Comunista) formaram a ligação entre os ativistas empresariais do Rio de Janeiro e de São Paulo e a direita golpista chilena, inclusive o fornecimento de armas e dinheiro; além da “exportação” de técnicas e métodos utilizados no Brasil em 1963-64 (DREIFUSS, 1987).

Tal como nos anos 1960, o que importa não é apenas, ou necessariamente, os recursos financeiros, mas sim o *know-how* da atuação política: como obter e consolidar influência midiática, como construir ações propagandísticas impactantes, angariar e formar politicamente novos ativistas, conquistando espaços tanto no seio da sociedade civil (cada vez mais permeada pela atuação de aparelhos privados de hegemonia) quanto no seio da sociedade política, isto é, no Estado *strictu sensu* (para usar os conceitos do filósofo italiano Antonio Gramsci). Este movimento refluíu após o golpe de 1964, porque a ditadura militar brasileira não tinha um caráter mobilizador: ao contrário, todos os regimes autoritários vigentes no Brasil sempre tiveram um caráter *desmobilizador*; e aqui pode residir parte do ineditismo do bolsonarismo, se ele conseguir manter-se como movimento resistindo ao teste do governo e à prova do tempo.

Como o bolsonarismo pode realocar o Brasil e a América Latina no sistema internacional? Para responder essa questão, temos de olhar, em primeiro lugar, para as novas relações com os países imperialistas, em especial os Estados Unidos, cujos interesses corporativos e geoestratégicos na América Latina são sobejamente conhecidos<sup>2</sup>; mas também os poderes dos principais países europeus, visto que, apesar de declarações críticas a Bolsonaro, selaram em 2019 um acordo de livre comércio com o Brasil, proporcionando a este governo um relevante trunfo político.<sup>3</sup>

Por outro lado, devemos olhar também para o posicionamento das redes empresariais de ação política em sua atuação internacional. Como hoje já se sabe, o poder de convocação da campanha pelo *impeachment* de Dilma foi catapultado pela atuação de entidades privadas de financiamento empresarial, principalmente de origem estadunidense, como a *Atlas Network* - à qual estão ligados atores políticos centrais a partir do início de 2015, como o “Movimento Brasil Livre” (MBL) - marca brasileira da organização americana *Students for Liberty* (HOEVELER, 2016). O MBL participa, em nível latino-americano, da RELIAL (Rede Liberal

---

2 Ficou mundialmente conhecido o escândalo das escutas telefônicas da CIA ao governo de Dilma Rousseff e grandes empresas brasileiras, revelado pelo Wikileaks. “*Wikileaks: NSA spied on Brazilian officials and business figures*”. **DW**, 04 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/en/wikileaks-nsa-spied-on-brazilian-officials-and-business-figures/a-18562090>. Acesso em: 11 jun. 2020.

3 “*EU and Mercosur agree huge trade deal after 20-year talks*”. **BBC**, 28 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-48807161>. Acesso em: 11 jun. 2020.

da América Latina), que recebe financiamento alemão da *Friedrich-Naumann-Stiftung für die Freiheit* (FNF).<sup>4</sup>

Por sua vez, o católico de corte medievalista Olavo de Carvalho torna-se mentor (nesse sentido, um perfeito “intelectual orgânico”, na leitura gramsciana) não apenas de núcleos centrais do governo Bolsonaro (disputando abertamente com a tecnocracia militar), mas também de outros populismos reacionários latino-americanos.<sup>5</sup>

No plano internacional, que nos interessa mais de perto aqui, o bolsonarismo não se caracteriza apenas pela submissão aos Estados Unidos, mas também por uma inédita fidelidade a um dos lados do espectro político estadunidense: o trumpismo. A cessão recente da base de Alcântara, na região amazônica, a fala do próprio Bolsonaro em uma reunião com a CIA, enfatizando o combate ao terrorismo e à “guerra às drogas”, sem mencionar bizarras declarações de amor não correspondidas, são exemplos da disposição do governo em atender aos interesses estadunidenses.<sup>6</sup> Esse alinhamento é uma incógnita para parte dos setores empresariais brasileiros, já que, ainda mais em um cenário pré-eleitoral, o presidente dos EUA dificilmente fará concessões comerciais ao Brasil; e nem mesmo no plano da política internacional, malograda, por exemplo, a esperada indicação do Brasil para compor a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE.

Um dos caminhos para que possamos compreender a configuração do bloco no poder no Brasil e seu papel para a reorganização da extrema direita na América Latina, bem como suas conexões globais, é acompanhar alguns personagens centrais dessa articulação. O principal deles é Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, Deputado Federal e membro da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, já chamado de “chanceler informal” do Brasil desde 2018 e cogitado por seu pai para o cargo de embaixador do Brasil nos Estados Unidos por sua amizade com a família Trump.

Tendo realizado neste país diversas missões políticas ao longo do ano eleitoral de 2018, o “mitinho”, como é chamado pelos movimentos conservadores, foi escolhido o “Homem para a América Latina” por Steve Bannon, ex-assessor de Donald Trump e propulsor do chamado “Movimento”, uma coalizão de partidos neofascistas da Europa (BILENKY, 2019; FIGUEIREDO, 2019; NITAHARA, 2019).

Eduardo Bolsonaro foi o principal organizador da Cúpula Conservadora das Américas e também foi uma figura chave no “*Foro por la Democracia*” - uma

---

4 Realizamos um levantamento detalhado sobre a posição das entidades empresariais e desses movimentos de direita nos 18 meses anteriores à destituição de Rousseff: HOEVELER, 2017.

5 Para um perfil de Olavo de Carvalho, ver MCCOY, 2019.

6 “Bolsonaro faz visita à CIA e fala em preocupação em combater tráfico e o crime organizado”. **G1**, 18 de março de 2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/videos/v/bolsonaro-faz-visita-a-cia-e-fala-em-preocupacao-em-combater-trafico-e-o-crime-organizado/7464991/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

espécie de Internacional dos partidos de direita da América Latina - organizado em março de 2019, levando esse nome para ser um “contraponto ao Foro de São Paulo”<sup>7</sup>; além de ter sido o principal artífice da vinda da CPAC para o Brasil.

## Cúpula Conservadora das Américas

“Um amanhecer de liberdade”, foi como descreveu a eleição de Bolsonaro um importante organizador de cubanos exilados em Miami, Orlando Gutiérrez, no mesmo evento. Conforme mencionamos, a Cúpula Conservadora (inicialmente marcada para agosto, e depois adiada para dezembro de 2018) pretendia reunir setores representativos entre empresários, militares e políticos da América Latina, dentro do espectro da extrema direita.

Analisando os convidados às mesas do evento, podemos perceber como eles representavam dois importantes modelos para o bolsonarismo no repertório latino-americano: a economia totalmente neoliberalizada do Chile, por um lado; e o militarismo e sua ideologia de guerra social que emana da Colômbia, por outro. Em comum, um alinhamento total com os Estados Unidos. Guzanos de Miami, pinochetistas chilenos, militaristas colombianos, golpistas venezuelanos, fazendeiros paraguaios e milicianos brasileiros unidos em um encontro grotesco.

Participaram do encontro figuras como Roderick Navarro, liderança nacional do grupo de extrema direita *Rumbo Libertad*, da Venezuela; Fidel Zavala, mega-proprietário pecuarista e senador paraguaio; Agustín Etchebarne, economista argentino<sup>8</sup>; e Miguel Ángel Martín, advogado venezuelano, magistrado do *Tribunal Supremo de Justicia* e autodeclarado presidente deste tribunal no exílio<sup>9</sup>.

Entre os brasileiros, foram escalados o Príncipe Luiz Philippe de Orleans e Bragança, apresentado como “ativista político e líder do movimento ‘Acorda Brasil’ (monarquista); Leonardo Giardin de Souza (promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, autor de *Bandidolatria e Democídio*)<sup>10</sup>”;

7 “Foro por la Democracia: así será el conclave de la derecha latino-americana em Chile”. **El Desconcierto**, 20 de março de 2019. Disponível em: <https://www.eldesconcierto.cl/2019/03/20/foro-por-la-democracia-asi-sera-el-conclave-de-la-derecha-latinoamericana-en-chile>. Acesso em: 11 jun. 2020.

8 Macrista, prestador de consultorias para fundos de investimentos, membro da Red Liberal de América Latina (RELIAL), fundador do Foro Republicano, diretor do aparelho “Democracia Directa”, presidente e fundador do movimento “Ciudadanos por el Cambio”. A fundação *Libertad y Progreso* é, junto com a Fundación Libertad, um dos principais aparelhos privados de hegemonia empresariais argentino nos dias de hoje, sendo a última uma entidade mais antiga, de 1988. (Sítios eletrônicos: <https://www.libertadyprogreso.org/nosotros/>; <https://libertad.org.ar/web/quienes-somos/>).

9 Um dos coordenadores executivos do “Bloque Constitucional de Venezuela”, aparelho privado formado por juízes, juristas e advogados que publicou diversos manifestos com o fim de “resgatar o Estado de Direito na Venezuela”, formado em dezembro de 2015 (sítio eletrônico: <https://bloqueconstitucional.com/quienes-somos>).

10 Coautor do livro *Bandidolatria e democídio: Ensaios sobre Garantismo Penal e a criminalidade no Brasil* (uma obra bastante representativa do já mencionado fenômeno do populismo penal). No prefácio da obra, é afirmado que o “garantismo” penal é “filho bastardo do marxismo cultural, gestado no

o próprio Eduardo Bolsonaro e Olavo de Carvalho, além dos irmãos Arthur Bragança de Vasconcellos Weintraub e Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub. O CES (Centro de Estudos sobre Segurança), do qual participa este último, bem como a Fundação Indigo (fundação privada do PSL), são as entidades que formalmente organizaram o encontro.

Um pequeno trecho da fala Abraham Weintraub chegou a circular nos meios alternativos de comunicação e nas redes sociais, quando este assumiu a direção do Ministério da Educação - MEC. Em sua fala no encontro, Weintraub retomava Samuel Huntington de *O Choque de Civilizações* para afirmar que não o surpreenderia que se, em 20 anos, a América Latina continuasse sendo “a América Latina”. Segundo este raciocínio, o povo latino-americano seria desprovido do “espírito empreendedor” presente nos Estados Unidos ou na Europa, onde até mesmo em enterros, os “*misters*” trocam cartões e fazem negócios (algo impensável na América Latina, onde no máximo, se comentaria que “a viúva está inteiraça” - disse Weintraub, arrancando risos da plateia). Entre essas e outras “análises”, os irmãos Weintraub tentaram demonstrar aos participantes como desenvolver um “Olavo de Carvalho adaptado”; e a ser “mais engraçados que a esquerda”; e mencionaram episódios de suas sessões com estudantes da Universidade Federal do Estado de São Paulo - UNIFESP, onde estes defensores do ‘Escola sem Partido’ ensinavam a seus alunos técnicas de como “destruir os esquerdistas”.

Mencionado em muitas falas dos convidados, Olavo de Carvalho, através de chamada de vídeo de sua casa na Virgínia, Estados Unidos, fez a participação mais esperada do evento. Longamente aplaudido, ele afirmou que a esquerda domina “as universidades, a grande mídia, o sistema financeiro” e “todo o sistema cultural” com uma “hegemonia férrea”. Entre um trago e outro em seu cachimbo, afirmou que “80% dos líderes intelectuais da esquerda” estariam envolvidos em crimes: “Foro de São Paulo” [sic], narcotráfico, corrupção, desvio de dinheiro público, e que, se uma grande batalha cultural não fosse vencida, “essa mídia”, segundo ele, “dominada por esquerdistas”, iria “destruir o governo que o povo brasileiro escolheu”. Eduardo Bolsonaro concordava e elencava medidas nesse sentido, como a iniciativa do deputado Marco Feliciano em criar a “CPI da UNE” (União Nacional dos Estudantes).

Observando as falas dos participantes do evento, podemos destacar, em primeiro lugar, o alcance da referência intelectual de Olavo de Carvalho dentro da extrema direita latino-americana; e por outro lado, o papel de Eduardo Bolsonaro, já considerado à época uma espécie de “chanceler informal” do Brasil em estabelecer vínculos orgânicos entre os diferentes grupos ali representados.

Entre esses grupos, também se nota um peso muito grande de chilenos e colombianos entre os convidados aos painéis, divididos por temas (“Cultura”; “Eco-

---

vente de aluguel do Positivismo Jurídico”. O promotor também é um dos principais impulsores do encontro “O despertar da direita”, realizado há quatro anos no Rio Grande do Sul.

nomia”; “Política” e “Segurança”). Não se trata de casualidade: como mencionamos acima, Chile e Colômbia representam, aqui, modelos homólogos a dois polos da ideologia bolsonarista. O darwinismo social é projetado pelo ultraliberalismo chileno (representado pelos Chicago Boys); enquanto o behaviorismo bélico encontra-se no militarismo colombiano (representado pelo uribismo). Unidos aos golpistas venezuelanos e aos “guzanos” de Miami (refugiados cubanos anticomunistas nos Estados Unidos), esses grupos de extrema direita parecem compartilhar de modelos de “milicianização”. “Não são coincidências”, são “dioscidências”, como afirmaram vários dos painelistas do evento, quando descreviam como se conheceram.

Por isso mesmo, das figuras públicas mais conhecidas que estiveram na Cúpula, encontramos, por um lado, o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe (também por vídeo conferência); e por outro, o político de extrema direita chileno José Antonio Kast, que conseguiu o terceiro lugar nas últimas eleições.

## **Pinochetismo chileno e militarismo colombiano**

Empresário de origem alemã, cujas relações com Bolsonaro são estreitas. Kast chegou a visitar o colega no dia 18 de outubro, no Rio de Janeiro, conclamando “uma aliança que derrote definitivamente a esquerda na América Latina”; e orgulha-se em ter presenteado Jair Bolsonaro com uma cópia de *El Ladriillo* – o famoso programa de choque neoliberal produzido pelos Chicago Boys no Chile.

Na sua vez de falar, Kast agradeceu à “família Bolsonaro” por devolver a esperança, mostraram que é possível derrotar o marxismo cultural e a “esquerda dura” que se impôs em nossos países; e afirmou que a vida dos chilenos melhorou e um “milagre” ocorreu após o regime comandado pelo general Pinochet.

É de se destacar também a participação do assessor econômico de José Antônio Kast (*Acción Republicana*), Carlos Gomez, economista pela Universidade do Chile com passagem por Chicago; consultor de grandes empresas; diretor do CIES (Centro de Implementación Estratégica); escritor na revista *Economía y Libertad*, e colaborador do *International Center por Pension Reform*, de José Piñera (organização por sua vez ligada ao *Cato Institute*).

Por sua vez, o banqueiro Paulo Guedes, o “liberal” ministro da economia de Bolsonaro, é outro articulador destes clãs da extrema direita, especialmente com o Chile. Através de sua amizade com políticos e empresários pinochetistas como Jorge Constantino Demetrio Selume Zaror (porta-voz oficioso do núcleo duro oficial pinochetista), o banco de Guedes detém uma boa fatia do mercado de pensões privadas no Chile, as AFP (ele é dono do banco BTG Pactual e diretor afastado

da Bozano Investimentos). Zaror, bem como Guedes, é um “Chicago Boy”, tendo convidado o brasileiro a ser professor universitário no Chile de Pinochet, no início dos anos 1980. Ao dirigir operações de privatização de empresas estatais, como a Chilectra e a Entel, Zaror construiu um império financeiro no Chile (HOEVELER & SALÉM, 2018); de maneira similar, a dilapidação do patrimônio público no Brasil enriqueceu Guedes nos anos 1990 (LANDIM, 2018).

Trata-se de grupos empresariais e políticos que não têm a preocupação em disfarçar seu comprometimento com projetos autoritários de poder; nem em esconder seu interesse direto nas políticas específicas de tais governos. Para mencionar um exemplo recente, um projeto do governo Bolsonaro prevê uma larga privatização das universidades públicas; e, nas próprias palavras do Secretário de Ensino Superior do Ministério da Educação, permitirá que entidades financeiras nacionais ou internacionais (como o *Credit Suisse* ou o próprio BTG Pactual, banco de Guedes) sejam “gestores” tanto do orçamento quanto do patrimônio universitário (MAZIEIRO, 2019). Daí a dificuldade de entender a surpresa de alguns ao escutar a declaração de Guedes em Washington, em outubro de 2019, ameaçando com a volta do AI-5, para logo depois “retratar-se”. Parte do *modus operandi* bolsonarista, aliás, é este: postar e apagar, falar e desdizer, ficando o impacto das violentas declarações e criando o medo na oposição.

Os laços entre o clã Bolsonaro e a direita uribista já existiam, mas se estreitaram quando, em dezembro de 2018, Eduardo Bolsonaro foi calorosamente recebido na Colômbia. Na ocasião, além de se reunir com parlamentares, militares e ativistas de direita, ele deu uma entrevista ao programa de rádio do ex-procurador Alejandro Ordóñez, um dos principais opositores do Acordo de Paz na Colômbia, conhecido por vídeos no *Youtube* onde declarava que o presidente Manoel Santos era “socialista” e que os acordos de paz propostos por seu governo seriam obra do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero”. O próprio Álvaro Uribe, ex-presidente colombiano, fez um animado discurso por videoconferência para a Cúpula, saudando Bolsonaro e garantindo que o recém-eleito presidente colombiano, Iván Duque, seria seu forte aliado.

Major-General Jorge Jerez Cuellar, comandante das operações Ômega e Cauca contra as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia),<sup>11</sup> nome de confiança de Uribe e um dos principais operadores da política exterminista de Uribe, na qual, em um estilo faroeste, os soldados que eliminassem militantes das FARC eram recompensados em dinheiro, premiações e outros benefícios. Foi du-

11 Ver HUMAN RIGHTS WATCH, 2017 (disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2018/country-chapters/313039>) e ESGUERRA, 2017 (disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-falsos-positivos-e-a-busca-por-justi%C3%A7a-na-col%C3%B4mbia/a-40106135>).

rante essas operações que explodiu o escândalo dos “falsos positivos”: para receber esses prêmios, os militares armavam armadilhas no interior do país, matavam civis e os vestiam de combatentes em um cenário montado para simular conflitos (para uma rigorosa análise do tema, ver SEGURA; HERRERA, 2018).

Cabal Molina contou ao público sobre quando, há seis ou sete anos, teria conhecido Olavo de Carvalho em uma universidade em Bogotá. Orgulhosa, afirmou que teve “o prazer de ter 3 horas ao lado comigo e com outras 4 ou 5 pessoas mais, nos ensinando todo esse conhecimento, essa formação conceitual que é a que hoje me dá a força da sabedoria que nos permitem confrontar as ideias pervertidas com disfarce de revolução para viver melhor”. “A mim também me dizem fascista, racista, homofóbica: tudo o que eles são e como nos rotulam”, naquilo que Olavo de Carvalho chama de “rotulação inversa” ou “Inversão revolucionária”. Derrotar Cuba, Venezuela e Nicarágua estaria na ordem do dia para a América Latina, e o Brasil de Bolsonaro teria essa tarefa histórica em suas mãos.

A senadora comparou as eleições recentes na América Latina como uma “guerra espiritual” entre “o bem e o mal”; e ainda falou sobre os acordos com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos como diretora de Assuntos Internacionais da *Fiscalía General de la Región* (Bogotá), revelando, de soslaio, sua plena articulação com o imperialismo estadunidense.

É interessante notar como não há, aqui, espaço para uma promessa de futuro: se anuncia uma guerra sem perspectiva de fim, portanto, um horizonte distópico. As divergências ideológicas são vistas como uma guerra santa, a batalha do “bem” (os valores ocidentais e cristãos, a família e, também, o individualismo e a liberdade de “empreender”) contra o “mal” (representado, inequivocamente, pela esquerda).

Do evento, saiu uma Carta na qual constavam os princípios que, de comum acordo, deveriam ser defendidos pelos participantes da Cúpula, que foi divulgada como “Carta de Foz”. De redação bastante pobre, extremamente sintética, a carta continha alguns dos mais emblemáticos “valores” defendidos nos debates das mesas, assim resumidos:

**“POLÍTICA**

- fortalecimento da unidade nacional
- defesa da família
- institucionalização do liberalismo econômico
- fortalecimento dos valores da cultura ocidental

**ECONOMIA**

- atração de capital estrangeiro em setores estratégicos a partir de: segurança jurídica ao investidor estrangeiro,

desburocratização, combater o ativismo jurídico com isenção de relativismos, criação de normas positivas que efetivamente sejam atrativas para o investidor estrangeiro atendendo aos interesses nacionais

- desburocratização do ambiente empreendedor a partir de: simplificar o sistema tributário, facilitar a abertura e o fechamento de empresas, desregular as relações de trabalho

- privatização de estatais estratégicas e não estratégicas e colocar as agências reguladoras a serviço do livre mercado

#### *SEGURANÇA*

- choque de segurança a partir da contratação de policiais, promotores e juízes

- compartilhamento e centralização das informações OCR/LPR produzidas pelos equipamentos de fiscalização eletrônica

- padronização com fins de integração de bases de dados entre forças de segurança

- agilização do poder judiciário em penas estratégicas

- uso do termo “autoridade policial”, e que seja interpretado extensivamente aos delegados de polícia, bem como aos oficiais de polícias militares

- revisão e atualização do Código e do Processo Penal

- investimento, capacitação e reciclagem das forças de segurança

- investimento e criação de vagas no sistema penitenciário

#### *CULTURA*

- Princípios Deus, pátria, família, propriedade, liberdade individual e direito à legítima defesa

- Valores: fomentar a participação da família e a da sociedade na educação

- Fomentar o ensino e a arte clássica liberal

- Descentralizar a educação

- Promover a cultura de metas ao ensino superior público tecnológico

- Direito, economia e política: fortalecer a cultura de equilíbrio e independência entre os poderes, combater o ativismo jurídico

- Combater a cultura da ditadura verde

- Estimular a cultura do empreendedorismo e do desenvolvimento pessoal sem a participação do Estado

- Combater a cultura do banditismo e do vitimismo

- Resgatar a cultura da verdadeira democracia, desconcentrando o poder de Brasília para estados e municípios

- Promover a cultura do direito à legítima defesa”

## Foro por la Democracia: o “anti-Foro de São Paulo”

Outro encontro que teve Eduardo Bolsonaro como um dos articuladores, e a participação do já eleito Jair Bolsonaro, foi o *Foro por la Democracia*, realizado entre 21 e 22 de março de 2019 em Santiago do Chile.

Organizado por “Chile Vamos” – coalizão política de direita entre o Renovación Nacional, partido de Sebastián Piñera, e a UDI (União Democrática Independente), partido fundado por Jaime Guzmán nos anos 1980, reuniu 500 representantes membros de cerca de 40 partidos de direita da América Latina. Apresentando-se como o contraponto do Foro de São Paulo, o Foro por la Democracia recebeu Fabiana Rossales, a esposa do autodeclarado presidente colombiano, Juan Guaidó. Recebeu também a opositora cubana Rosa María Payá; o presidente do Congresso da Guatemala, Álvaro Arzú; e o candidato presidencial boliviano Óscar Ortiz. Também participaram quadros importantes do macrismo, como a senadora do partido Propuesta Republicana, Laura Rodríguez Machado. Pai e filho Bolsonaros foram ovacionados no Fórum.

Entre os aparelhos privados presentes no evento, destacaram-se a *Fundación Libertad*, de Rosário (Argentina); e a *Fundación Pensar*, ambas fornecedoras de quadros para o governo Macri; o *Centro de Divulgación del Conocimiento Económico para la Libertad* (CEDICE), da Venezuela; e a *Red Liberal de América Latina* (RELIAL), presidida pelo advogado brasileiro Ricardo Gomes, membro da *Sociedad Mont Pelerin*.

O encontro ocorreu alguns dias antes do Encontro de Presidentes organizado por Sebastián Piñera, Iván Duque e Jair Bolsonaro para oficializar a criação da Prosul (Fórum para o Progresso da América do Sul). A “Declaração de Santiago”, além de Chile, Brasil e Colômbia, foi firmada pelos chefes de Estado da Argentina (Maurício Macri); Equador (Lenin Moreno); Paraguai (Mario Abdo Benítez) e Peru (Martín Vizcarra). A Venezuela não foi convidada, o que foi justificado no item 5 de dita Declaração, segundo o qual um requisito para participação no fórum é a “plena vigência da democracia” e a “promoção, proteção, respeito e garantia dos direitos humanos”. Segundo declarou o chanceler chileno Roberto Ampuero, o novo fórum multilateral, fundado sem sede nem secretariado, teria por objetivo uma estrutura “leve” (ao contrário da “onerosa” Unasul), “sem burocracia e sem estruturas pesadas”, inspirada na estrutura decisória da Aliança do Pacífico.

O propósito do Encontro era, sobretudo, simbólico: tratava-se de anunciar ao mundo uma “nova ordem política” na América Latina: “conservadora nos costumes” e “liberal na economia”, mas se apresentando como “livre de ideologias”,

e “aberto”. No Chile, entretanto, o evento mereceu maior atenção da mídia e um importante apresentador da televisão chilena, Daniel Matamala, fez duras críticas sobre a ironia de que um evento que invoca a democracia receber um presidente (Bolsonaro) abertamente antidemocrático. A repercussão do namoro ente Bolsonaro e Piñera foi tão ruim que obrigou o presidente chileno a fazer verdadeiros desagravos, já que, apesar dos pedidos, Bolsonaro teceu elogios públicos a Pinochet.

Este encontro foi marcado também por uma grande manifestação antifascista e em solidariedade ao Brasil em Santiago, com repercussão na imprensa mundial. Não menos importante foi a recusa de parlamentares chilenos em participar do jantar em homenagem a Bolsonaro, denunciando seus posicionamentos racistas, misóginos, homofóbicos e contra os direitos humanos, além de sua aberta admiração por Pinochet.

Não é preciso ser versado em ciência política ou relações internacionais para observar que tal item foi desenhado não apenas para isolar a Venezuela, mas também para a autolegitimação de regimes que cotidianamente restringem liberdades democráticas e ferem direitos humanos. Somente em um conto de realismo fantástico é possível que figuras como Iván Duque, presidente de um governo responsável ou conivente com o assassinato de, na média, uma liderança social por dia na Colômbia, possam fantasiar-se de arautos da democracia e da proteção aos direitos humanos.

O Encontro de Presidentes revelou-se um espetáculo grotesco de abraços e apertos de mão entre figuras políticas cuja execrabilidade remontam a sombrios tempos de nosso continente, que pensávamos terem ficado pra trás. O pequeno baile da vitória da direita no continente teve contornos mórbidos: ele celebrava o enterro da Unasul. Informação importante é que não se trata apenas da morte deste organismo multilateral específico (criado no contexto da “Marea Rosa”, com Lula, Bachelet, Rafael Corrêa, Evo Morales e Hugo Chávez); mas um extermínio prévio de qualquer tentativa de unidade latino-americana no sistema mundial; de qualquer tipo de integração que possa fazer alguma frente às pressões econômicas e políticas que recaem sobre a América Latina, especialmente dos Estados Unidos. Tais governantes, para usar o jargão neoliberal, são “pró-ativos” na sua própria submissão.

Teve repercussão mundial, inclusive na grande imprensa brasileira, o boicote do grupo de parlamentares chilenos, que se recusou a ir ao banquete ofertado a Bolsonaro por Piñera. Menos mostrada na mídia foram as manifestações antifascistas que corajosamente tentavam resistir aos ataques dos Carabineros (policiais chilenos). A batalha virtual que se seguiu teve como atores, de um lado, jovens e os movimentos sociais que se arriscaram para exercer seu direito democrático de protestar; e de outro, loiras madames e acomodados senhores que, em um luxuoso

shopping de Santiago, disputavam espaço para tirar *selfie* com Bolsonaro. O presidente do Brasil declarou à imprensa que “Ontem, em um dos raros momentos de folga, indo passear num *shopping* seu aqui, fui muito bem recebido pelas pessoas que estavam lá, parecia até que eu estava no Brasil. Se precisar, posso vir ajudá-lo na campanha aqui”.

Essa “nova” (velha) direita que chega ao poder na América Latina para implementar um tipo de alinhamento aos Estados Unidos que ameaça alcançar um patamar historicamente inédito – redefinindo linhas geoestratégicas traçadas há décadas - constrói uma nova narrativa, segundo a qual o triunfo sobre “as esquerdas bolivarianas”, responsáveis por “ditaduras sanguinárias”, “corrupção” e por todos os males do continente (Amém!), vem para ficar – quase que como um “Fim da História”, *a la* Fukuyama.

## Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC)

A terceira edição de 2019 da *Conservative Political Action Conference* (CPAC) realizou-se entre 11 e 12 de outubro em um hotel de luxo em São Paulo. Seu principal organizador é o lobista conservador estadunidense Matt Schlapp, presidente da *American Conservative Union* (ACU). Ligado aos irmãos Koch, é um militante político profissional, tendo trabalhado para algumas campanhas presidenciais como a de George Bush Jr., pelo que foi agraciado com um cargo na Casa Branca. Sua esposa é a principal assessora comunicacional do presidente Donald Trump, que esteve ele mesmo em um evento da CPAC nos Estados Unidos ainda em 2019. Tendo aparentemente crescido em tamanho e influencia, a CPAC está adotando a estratégia de internacionalização de seu discurso nacionalista e obscurantista: além do Brasil, em 2019 a CPAC ocorre também na Austrália, Coreia do Sul, Japão e Irlanda (GALHARDO, 2019; FERREIRA, 2019).

A primeira conferência sobre a “Ação Política Conservadora”, como seria batizado o encontro, se deu em 1974, com um discurso de abertura de Ronald Reagan, e desde então, sempre foi realizada nos Estados Unidos, e é um teste importante para os pré-candidatos republicanos - por exemplo, pesquisas de opinião com os participantes da conferência são historicamente consideradas por esse partido. Entoando um cântico simples, “Escola sem Partido”, as centenas de pessoas que vieram em excursões de ônibus de várias partes do Brasil adentraram ao auditório. Era um público formado pelos mais fanáticos entre os fanáticos da extrema direita, sendo incitados pelos palestrantes a cultivar seu ódio contra os mais variados inimigos. Um público que bem poderia estar em Mississipi nos anos 1960 com tochas e máscaras brancas.

Entre os temas debatidos na edição brasileira estiveram: “conservadorismo no Brasil”, “os verdadeiros interesses por trás da crise da Amazônia”, “como a

religião é fundamental como última barreira contra a dominação comunista”, “os direitos humanos em contraponto à criminalidade no Brasil”, e “famílias fortes e a importância do casamento tradicional”; entre outros.

A participação do presidente Jair Bolsonaro estava programada na abertura, mas foi cancelada, e ventidou-se que o motivo real foi para que ele deixasse seu filho brilhar. O evento foi bancado com 800 mil reais do fundo partidário do PSL, e Eduardo Bolsonaro acabava de conquistar a chefia do PSL em São Paulo. A CPAC se deu no contexto mesmo da briga de Bolsonaro com o dirigente do PSL Luciano Bivar, cuja participação na abertura do evento estava confirmada até a antevéspera do evento; algumas semanas depois, Bolsonaro lançaria seu próprio partido, o “Aliança pelo Brasil”.

Eduardo Bolsonaro foi o responsável por trazer esse evento para o Brasil, e foi também uma espécie de mestre de cerimônias e *stand up comedy*, fazendo comentários às falas dos convidados, fazendo piadas “politicamente incorretas”, e sendo muito aplaudido, aos gritos de “mitinho”. E as filas para tirar *selfies* com o “ídolo” eram quilométricas. No *stand* montado pela Instituto Edmund Burke, livros de Olavo de Carvalho, Roger Scruton e do próprio Edmund Burke, além de outros autores introduzidos para aquele público por Olavo de Carvalho (que também era esperado para participar por videoconferência do encontro, e não participou).

O “*influencer*” conservador Bernardo Kuster criticou o Sínodo da Amazônia, afirmou que “quem deturpar a fé cristã, nós temos que pegar o chicote e descer o cacete”; e que o “ódio pode ser construtivo”; “a ira pode ser pacificadora”; declarou que ser homossexual é contra os princípios de Deus, já que “homem é homem e mulher é mulher”; e terminou rezando o Pai Nosso. Afirmou também que Bandeira do arco-íris e bandeira da URSS seriam praticamente a mesma coisa, símbolos do “totalitarismo”. Bernardo Kuster se referiu ao Supremo Tribunal Federal - STF como “doze demônios togados” e defendeu abertamente o fim da instituição. Ana Campagnolo e Ana Paula do Vôlei fizeram o papel das mulheres antifeministas.

A ministra Damares Alves fez um discurso muito emotivo, no melhor de sua retórica e gestual de pastora evangélica, convocando as bases conservadoras para uma cruzada do bem contra o mal, invocando supostas crianças indígenas enterradas vivas e fetos abortados. Teve repercussão uma frase que a ministra disse no evento: “Estou há 24 horas com este público, a maioria jovem, e ninguém me ofereceu ainda um cigarro de maconha e nenhuma menina enfiou um crucifixo na vagina”. É notável a demonização de qualquer posição à esquerda (chamada por Damares por “o Cão”); e também demonização da chamada “grande imprensa”.

Já Weintraub, apesar de parecer meio perdido e abatido, fez o discurso tipicamente nazista de sempre, de que os comunistas controlam “todas as grandes instituições, os grandes bancos, a mídia, e o sistema cultural”; ele falou desde

armas, da propriedade privada a livros didáticos, mas não parece ser o exemplo de um ministro de sucesso - ao contrário, estava sendo cobrado até mesmo por outros participantes para uma aceleração da extirpação do câncer marxista da educação. Ele comparou as empresas beneficiadas pelas políticas econômicas dos governos petistas às empresas alemãs que colaboraram com o nazismo e mais uma vez utilizou a referência à AIDS para designar os “esquerdistas”.

## Considerações finais

Há diversas outras redes e fóruns nas quais a extrema direita se organiza. Um exemplo bastante relevante são os movimentos contra a “ideologia de gênero” no Peru, Paraguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica e Brasil. O movimento *Con Mis Hijos No Te Metas* (CMHNTM), nascido em Lima, em fins de 2016, conta com seções na Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Colômbia, Paraguai, El Salvador e Panamá. No dia da vitória de Bolsonaro no Brasil, o CMHNTM da Argentina organizou uma comemoração com o bordão “Género nunca más”. Na Colômbia, a campanha contra a “ideologia de gênero” foi utilizada tanto para atacar a Federação Colombiana de Trabalhadores da Educação (FECODE) quanto para a vitória do “Não” no Plebiscito pela Paz, em 2016.

Fica claro que é necessário aprofundar em muito os estudos sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões estadunidenses. O que apontamos neste texto consiste em um levantamento relativamente superficial, basicamente a partir de fontes de imprensa, daqueles fóruns que receberam mais visibilidade, no período que compreende a vitória de Jair Bolsonaro ao final de seu primeiro ano de governo. Portanto, trata-se de agenda de pesquisa que devemos levar adiante, acompanhando em tempo real tais movimentos, mas que deve constituir uma agenda de pesquisa coletiva, necessária e urgente.

A vitória do movimento bolsonarista no pleito eleitoral brasileiro de 2018 deu fôlego renovado a estes movimentos conservadores. Tratava-se mais do que de um exemplo (já que nem todos compartilham da ideologia esposada pelo bolsonarismo, ou encontram-se em situações políticas nacionais onde seria possível reproduzi-lo), de um ponto de apoio. O Brasil torna-se um centro das articulações da extrema direita latino-americana, lugar onde é possível “sair do armário”, pronunciar as maiores atrocidades, e isto será chancelado pelos que detêm o poder. Apesar e juntamente a isso, e pelo que pudemos constatar no caso brasileiro, é possível e provável que o movimento bolsonarista siga existindo paralela e in-

dependentemente do governo, configurando uma força política de corte fascista como o Brasil não conhecia desde os anos 1930, com o integralismo.

A ruptura de Jair Bolsonaro com o PSL, partido que o elegeu, e a fundação de um partido próprio (o “Aliança pelo Brasil”), que explicitamente não compartilha de pressupostos do regime democrático, elegendo como princípios políticos Deus, Família e Pátria, parece sinalizar nesta direção. É interessante notar que a ruptura com o PSL, que se deu exatamente durante a CPAC, é indicativa de um movimento mais profundo e perturbador: o fato de que o governo Bolsonaro, desde que assumiu, vem queimando sistematicamente todos os seus principais operadores políticos no Legislativo, como é o caso precípua da deputada Joice Hasselmann (PSL/SP), mas também, na área militar, do General Santos Cruz. Por sua vez, o movimento bolsonarista segue levando manifestantes às ruas periodicamente (ainda que em menor número, se comparamos ao período 2015-2018) com bandeiras abertamente antidemocráticas, como o fechamento do STF.

É importante não superdimensionar o peso do bolsonarismo em nível latino-americano, já que, como apontamos, países como Argentina, Chile ou Uruguai não estão em cenários nos quais seria possível a ascensão de um “Bolsonaro” próprio. Também cabe destacar que a eleição de Alberto Fernández/Cristina Kirchner na Argentina, e de André López Obrador, no México, são contrapesos muito importantes, já que são países de enorme peso econômico e político na região.

Porém, em todas as partes, a existência e o avanço de dispositivos, em maior ou menor grau, de mobilização pela direita, nos alerta de que tampouco podemos subestimar o papel que a extrema direita pode vir a cumprir, ainda mais em um contexto cujo pano de fundo é de avanço do capital sobre as riquezas do continente latino-americano. Ainda que a história não se repita, sabemos, pelo curso da América Latina contemporânea que ainda que existam enormes diferenças nacionais, nosso continente geralmente caminha de mãos dadas política e economicamente; portanto, não seria exagero pensar em uma nova leva de regimes autoritários que venham, seja para promover o avanço do capital, seja conter as lutas sociais.

No primeiro ano de bolsonarismo no poder, a sucessão de acontecimentos se deu em velocidade estonteante, e seria impossível, e precipitado, elencar aqui todos os elementos que podem, em futuro próximo, influenciar naquilo que estamos descrevendo como uma reorganização da extrema direita latino-americana pós-Bolsonaro.

A convulsão social que explodiu no Chile em outubro de 2019, o golpe de Estado na Bolívia pouco tempo depois, a tensa eleição de Lacalle Pou no Uruguai, o levante nacional na Colômbia, foram alguns dos eventos que sacudiram

a conjuntura latino-americana em um par de meses. A resposta do bolsonarismo conjugou o apoio à direita em outros países e uma ameaça explícita, internamente. As seguidas declarações, primeiro de Eduardo Bolsonaro e depois de Paulo Guedes, sobre um possível retorno de “um AI-5” são provas de que não houve recuo algum do discurso bolsonarista no poder; e que nada impõe constrangimentos às sucessivas ameaças de fechamento do regime, “caso venha a acontecer no Brasil algo parecido com o Chile”.

O apoio de Bolsonaro ao golpe que depôs Evo Morales foi explícito, e incluiu apoio governamental e empresarial. Os sojeiros brasileiros na Bolívia, donos de propriedades em Santa Cruz de la Sierra desde os anos 1990, colaboram há muitos anos, com generosos aportes financeiros, com o Comitê Cívico pró-Santa Cruz - chefiado por Luis Fernando Camacho, figura mais eloquente do golpe (ARROYO, 2019).

Outro episódio muito emblemático foi, no meio do estalido social chileno e do golpe na Bolívia, a tomada, em Brasília, da embaixada da Venezuela por brasileiros e venezuelanos alinhados com o autoproclamado presidente Juan Guaidó - ação que foi abertamente respaldada por Eduardo Bolsonaro e que contou com uma linha de comando que vinha diretamente do Palácio do Planalto (BARBOSA, 2019; RESENDE; CHADE, 2019).<sup>12</sup>

Estes são apenas alguns exemplos da intervenção direta do Brasil de Bolsonaro no cenário político interno de alguns países da região. Cabe perguntar até onde foi e vai esta intervenção, e até que ponto ela ainda poderá chegar; e como isto deve impactar no crescimento da extrema direita na região.

## Referências bibliográficas e fontes

ARROYO, Priscilla. “Sojeiros brasileiros na Bolívia compõem movimento político que derrubou Evo Morales”. **De Olho dos ruralistas**. 13 de novembro de 2019. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2019/11/13/sojeiros-brasileiros-na-bolivia-compoem-movimento-politico-que-derrubou-evo-morales>. Acesso em: 11 jun. 2020.

BARBOSA, Marina. “Eduardo Bolsonaro defende ação pró-Guaidó na embaixada da Venezuela em Brasília”. **Congresso em Foco**, 13 de novembro de 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/eduardo-bolsonaro-defende-acao-pro-guaido-na-embaixada-da-venezuela-em-brasilia>. Acesso em: 11 jun. 2020.

---

12 “Depois de 12 horas, aliados de Guaidó deixam embaixada da Venezuela em Brasília”. **Folha de S. Paulo**, 13 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/entrada-de-aliado-de-guaido-em-embaixada-constrange-brasil-na-abertura-do-brics.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BILENKY, Thais. “Bannon anuncia Eduardo Bolsonaro como líder sul-americano de movimento de direita populista”. **Folha de S. Paulo**, 1 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/02/bannon-anuncia-eduardo-bolsonaro-como-lider-sul-americano-de-movimento-de-ultradireita.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

DREIFUSS, René. **A Internacional Capitalista: Estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

DREIFUSS, René A. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ESGUERRA, Cristina. “Os falsos positivos e a busca por justiça na Colômbia”. *DW*, 17 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/os-falsos-positivos-e-a-busca-por-justi%C3%A7a-na-col%C3%B4mbia/a-40106135>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FERREIRA, Otávio Dias de Souza. CPAC e a integração conservadora Brasil-EUA. OPEU, 20 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.opecu.org.br/2019/10/20/cpac-e-a-integracao-conservadora-brasil-eua>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FIGUEIREDO, Janaína. “Eduardo Bolsonaro, um chanceler informal na visita aos EUA”. **O Globo**, 17 de março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/eduardo-bolsonaro-um-chanceler-informal-na-visita-aos-eua-23526458>. Acesso em: 11 jun. 2020.

GALHARDO, Ricardo. “Vejam quem são os participantes da conferência de direita em São Paulo”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de outubro de 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,veja-quem-sao-os-participantes-da-conferencia-de-direita-em-sao-paulo,70003046497>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LANDIM, Raquel. “Planos econômicos fizeram fortuna de superministro Paulo Guedes”. **Folha de S. Paulo**, 04 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/11/planos-economicos-fizeram-fortuna-de-superministro-paulo-guedes.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2020.

HOVELER, Rejane; SALÉM, Joana. “Brasil, novo laboratório da extrema direita: lições de Pinochet”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 05 de novembro de 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/brasil-novo-laboratorio-da-extrema-direita/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

HOVELER, Rejane. “Cronologia da campanha golpista e contrarreformista no Brasil (março/2015-agosto/2016)”. In: ESTIVALET *et al.* **Estratégias autoritárias do Estado empregador: assédio e resistências**. Curitiba: Kaygangue, 2017.

HOVELER, Rejane. “A direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da ‘nova direita’ brasileira”. In: HOVELER, Rejane; DEMIER, Felipe. **A onda**

**conservadora:** ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. “Colômbia: eventos 2017”. **Human Rights Watch**, dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2018/country-chapters/313039>. Acesso em: 10 jun. 2020.

McCOY, Terrence. “He’s the Rush Limbaugh of Brazil. He has Bolsonaro’s ear. And he lives in rural Virginia”, **Washington Post**, July 14, 2019. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/world/the\\_americas/hes-the-rush-limbaugh-of-brazil-he-has-bolsonaros-ear-and-he-lives-in-rural-virginia/2019/07/14/4f73dee2-8ac4-11e9-8f69-a2795fca3343\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/hes-the-rush-limbaugh-of-brazil-he-has-bolsonaros-ear-and-he-lives-in-rural-virginia/2019/07/14/4f73dee2-8ac4-11e9-8f69-a2795fca3343_story.html). Acesso em: 10 jun. 2020.

MAZIEIRO, Guilherme. “Weintraub diz que ‘mais de 20 instituições’ vão aderir à proposta do MEC”. **UOL Educação**, 17 de julho de 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/07/17/weintraub-diz-que-mais-de-20-instituicoes-vao-aderir-a-proposta-do-mec.htm>. Acesso em: 10 jun. 2020.

NITAHARA, Akemi. “Brazil consults US over naming Eduardo Bolsonaro ambassador”. **Agência Brasil**, 29 de julho de 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/politica/noticia/2019-07/brazil-consults-us-over-naming-eduardo-bolsonaro-ambassador>. Acesso em: 10 jun. 2020.

RESENDE, Constança; CHADE, Jamil. “Chanceler cita ‘linha de comando’ entre Bolsonaro e invasores de embaixada”. **Notícias UOL**, 21 de novembro de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/21/invasao-embaixada-venezuela-brasilia-itamaraty-guaido.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SEGURA, Sérgio; HERRERA, Nicolás. “Ni ‘falsos’ ni positivos’: asesinatos y política em el gobierno de Álvaro Uribe Vélez”. **Lanzas y Letras**, 07 de junho de 2018 (entrevista com Omar Eduardo Rojas Bolaños). Disponível em: <http://lanzasyletras.com/ni-falsos-ni-positivos-asesinatos-y-politica-en-el-gobierno-de-alvaro-uribe-velez>. Acesso em: 10 jun. 2020.